

CONFRONTANDO O NACIONALISMO ESTADUNIDENSE: HOSTILIDADE E DISCRIMINAÇÃO EM *HAM ON RYE*, DE CHARLES BUKOWSKI

André Affonso Mariscal¹
Cláudio Roberto Vieira Braga²

RESUMO

O artigo discute os efeitos do nacionalismo em Henry Chinaski, imigrante alemão em *Ham on Rye* (1982), de Charles Bukowski. No romance, ambientes hostis dificultam as tentativas de integração de Henry, submetido a uma discriminação constante, em contraste com os ideais de pluralismo e inclusão, parte da identidade estadunidense. Investigamos os conflitos construídos a partir das ideias oficiais de nação e de nacionalismo, concluindo que hostilidade e discriminação permanentes resultam em violência, indiferença e desumanização. Ironicamente, o isolamento dá ao imigrante uma percepção mais ampla acerca do mundo, levando-o a repensar a nação e a rejeitar o nacionalismo romântico.

Palavras-chave: nacionalismo, imigração, hostilidade, discriminação.

Introdução

Charles Bukowski (1920-1994) é um escritor controverso que provoca reações extremas em seus leitores, devido, dentre outras razões, a seu estilo marcante: é autor de uma prosa crua, sem rodeios e sem sentimentalismos. Não há esperança de finais felizes em Bukowski: ele, de fato, não hesita em abordar temas desagradáveis. Por outro lado, sua ficção, reconhecidamente enxertada com elementos autobiográficos, é realista, direta, denunciante e jocosa. Nascido na Alemanha, foi ainda criança para os Estados Unidos com os pais. Sua trajetória é marcada pelo desajuste social: teve problemas desde cedo com o pai, que o agredia, sofreu rejeição na escola, se tornou alcoólatra e nunca se firmou em empregos. A paixão pela literatura, e a conseqüente carreira de escritor, parecem surgir como escapes em meio às adversidades. Prolífico, Bukowski

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília. E-mail: andre.mariscal@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela UFMG, professor, pesquisador e orientador do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (POSLIT/UnB). E-mail: Braga.claudio@gmail.com

escreveu inúmeros poemas, contos e romances, dentre eles, *Ham on Rye* (1982), discutido neste artigo.

Escrito em primeira pessoa, *Ham on Rye* é um romance que dá voz ao protagonista Henry Chinaski Junior, jovem alemão cuja família imigra para os Estados Unidos. Em capítulos sucintos e períodos curtos, o narrador descreve suas dificuldades em se relacionar com praticamente todas as pessoas, desde muito cedo. O pai o espanca e o proíbe de brincar, especialmente de praticar esportes. Nas raras oportunidades em que se aproxima das outras crianças, seu pai sempre reforça a proibição, dando-lhe tarefas nos horários livres. No ensino médio, Henry é obrigado a se transferir para uma escola de garotos e garotas de famílias abastadas, bem no momento em que começava a se integrar. A mudança traz uma série de experiências de hostilidade e exclusão, que duram até a formatura.

Após a graduação, na busca do primeiro emprego, Henry é discriminado devido ao fato de ter nascido na Alemanha, país ao os Estados Unidos se opõem. Na única experiência de emprego fixo, se envolve em uma briga e é demitido em uma semana. Agora um jovem adulto, Henry entra para o curso de Jornalismo, mas, em pouco tempo, cai em uma rotina de uso de bebidas alcoólicas e abandona a faculdade.

Ironicamente, as adversidades resultam em aspectos positivos. Sem ter com quem conversar, Henry desenvolve uma percepção aguçada sobre as pessoas ao seu redor. Na adolescência, durante uma crise generalizada de acne, descobre a biblioteca e se torna um leitor voraz de autores como D. H. Lawrence, Sherwood Anderson e Ernest Hemingway: “Se você os lesse, permitindo-se sentir a magia, poderia viver sem dor, com esperança, não importando o que acontecesse com você” (BUKOWSKI, 1982, p. xx). Assim, o isolamento o leva a criar gosto pela leitura e, em seguida, desenvolver o talento para escrever.

De forma geral, *Ham on Rye* é um romance de formação em que o autor utiliza uma linguagem coloquial e direta para contar uma história que também o é. Violência, hostilidade e discriminação levam o protagonista a se tornar solitário, quase sempre bêbado, morando em um lugar horrível, no ano que o Japão ataca Pearl Harbour. É uma representação crua de uma sociedade excludente, ainda que sua narrativa oficial diga o contrário. É esta sociedade, retratada em *Ham on Rye*, que inspira o presente trabalho. Os Estados Unidos são oficialmente narrados como a terra da oportunidade, construída por imigrantes que realizam o sonho americano. Destarte, este artigo discute a contradição entre os ideais estadunidenses, de aceitação e inclusão, e a narrativa de Charles Bukowski, verificando os efeitos da hostilidade, da discriminação e da exclusão na construção da personagem principal. A diferença entre a teoria e a prática, no universo de Henry Chinaski,

está diretamente ligada às noções de nação, nacionalismo e identidade nacional, conforme veremos.

Nação e Nacionalismo

A nação, como é comumente entendida, é uma formulação contemporânea, embora sua formação venha acontecendo desde o século XIV, ganhando força a partir da Revolução Francesa. Segundo Raymond Boudon (1990, p. 173), a nação se funda em “paixões, interesses e representações comuns, que impregnam os nacionais da convicção de terem um destino comum diferente do das outras nações”. Os “nacionais”, o conjunto de pessoas necessário para a existência da nação, são o povo. O conceito de nação começa a formar-se a partir do conceito de povo, como pondera Nicola Abbagnano (2007, p. 694). Além disso, completa o autor, esse agrupamento de pessoas conhecido, o povo, seria “constituído pela vontade comum” (ABBAGNANO, 2007, p. 694).

A concepção desenvolvida por Abbagnano tende a romantizar a ideia de nação, como se não houvessem, historicamente, conflitos em seu processo de formação. Para contrastar tal visão idealizada, a discussão de Benedict Anderson, em *Imagined Communities* (2008), ser-nos-á útil. Neste livro, o autor define nação como “uma comunidade política imaginada” (ANDERSON, 2008, p. 6). Esse imaginário, na visão de Anderson, não é necessariamente pejorativo, mas uma forma de se alcançar comunhão entre indivíduos pertencentes a uma determinada nação. Essa comunidade é, ao mesmo tempo, limitada, pois não há nação que englobe todo o planeta; é também soberana, ao seguir os ideais da Revolução Francesa, contrários aos poderes divinos da aristocracia, e favoráveis à liberdade da nação.

Um sentimento inerente à nação é o nacionalismo. Para Wilbur Zelinsky (1988, p. 1), “nacionalismo é a paixão reinante dos nossos tempos [...] que alimenta a energia que impulsiona o Estado-nação”. Hannah Arendt, tratando do mesmo tema, afirma que o nacionalismo é “essencialmente a conquista do Estado através da nação” (ARENDRT, 1994, p. 234). Para que exista a nação, deve-se produzir um destino em comum e uma ligação fraternal entre seus indivíduos: eis aí o papel do nacionalismo.

Imagina-se um futuro em comum, um passado glorioso e um destino, pilares do nacionalismo, segundo Anderson. Cria-se, com tais ideias, uma alternativa à religião, um dos grandes sistemas culturais que o precederam o nacionalismo (ANDERSON, 2008, p. 12). A desestabilização da hegemonia das religiões, que ocorre com o surgimento da nação,

gera uma mudança de panorama, alimentada também pelo advento e expansão do capitalismo editorial, após a invenção da prensa no século XV. Livros, e posteriormente jornais e documentos começaram a suprir a crescente burguesia, impressos em línguas vernáculas. Anderson insiste na questão da impressão como base do nacionalismo. Afinal, com a tipografia e o texto impresso, um mercado de editoras se estabelece por toda a Europa, fortalecendo a produção em línguas vernáculas, o que as dissemina, e ao mesmo tempo, enfraquece o latim. Isso favorece a consolidação das línguas que interessavam à burguesia e aos consumidores de diferentes localidades.

Como consequência, as línguas vernáculas são instituídas como línguas nacionais e ganham força. Havia “a convicção de que línguas eram [...] propriedade pessoal de grupos específicos [...] e esses grupos, imaginados como comunidades, tinham o direito ao seu lugar autônomo em uma fraternidade dos iguais” (ANDERSON, 1991, p. 84). A língua, desta forma, se transforma em mais um instrumento de vinculação dos indivíduos no sentido de unificar por meio da nação.

Corroborando a ideia de comunidades imaginadas desenvolvida por Anderson, Stuart Hall afirma, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, ao comentar um texto de Enoch Powell: “A vida das nações, da mesma forma que dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação” (HALL, 1999, p. 51). Logo depois o autor complementa: “há a narrativa da nação [...] ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós” (HALL, 1999, p. 52). E conclui: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 1999, p. 59). A família nacional, desta forma, é unida por meio do nacionalismo, é composta de um passado imaginado, um devir glorioso e uma língua em comum, que passa a ser utilizada inclusive pela Igreja, servindo de amálgama entre todos os membros da nação. Em suma, nações não se sustentam sem nacionalismo e por isso necessitam promover e enraizar os aspectos nacionais na consciência dos indivíduos que dela fazem parte.

Nacionalismo e cultura nacional nos Estados Unidos da América

A ideia de nação, e por tabela de nacionalismo, sofre enorme influência de um fato histórico significativo: a “descoberta” das Américas, e subsequentemente, a independência

dos países do continente americano. As grandes navegações promovem um encontro com o pluralismo humano, com civilizações que se desenvolveram sem a Filosofia grega, sem o Direito romano, sem o Cristianismo e sem a história e os valores europeus. Tal encontro é a colonização, que vai abrir espaços para a problematização da Europa como centro do mundo.

Paralelamente, a Revolução Francesa marca a eclosão de inúmeras mudanças para o homem e para a sociedade. Anderson relembra que, com a Revolução Francesa, há a inclusão da disciplina de História nas universidades pela primeira vez (ANDERSON, 1983), fato que ideologicamente influencia a construção e a difusão do nacionalismo. Entretanto, o mais relevante a ser destacado é o fato de revolucionários franceses terem tido como grande inspiração um evento histórico fora da Europa, que está no alicerce da ideia do nacionalismo: a independência dos Estados Unidos da América.

A Declaração de Independência das treze colônias dos EUA, em 1776, repercute mundialmente, constituindo-se em um elemento fundamental para se entender a ideia de nação e também de nacionalismo. Diversas colônias nas Américas e ao redor do globo são motivadas a se libertarem de suas metrópoles europeias ao longo dos anos que seguem. Não coincidentemente, dois personagens, um estadunidense e outro francês, participam das duas revoluções (TINDALL, 1984). Thomas Jefferson, que redigiu a declaração de independência, estava na França quando a revolução eclodiu, trabalhando como ministro do Marquês de Lafayette, político francês que lutara ao lado dos americanos na Guerra da Independência. Gordon S. Wood (2002) escreve no prefácio de *The American Revolution*: “... a Revolução convencera os americanos de que eram um povo especial com um destino especial para liderar o mundo em direção à liberdade. A Revolução, em suma, deu à luz a qualquer senso de nacionalidade e de propósito nacional que os americanos possam ter” (WOOD, 2002, p. xxiii). Pode-se constatar claramente como o processo de independência da nação estadunidense passa a compor a construção de uma identidade nacional. Por este prisma, é pertinente notar que, como pondera Anderson, o nacionalismo nasceu no Novo e não no Velho Mundo, mais precisamente na recente “comunidade” que começa a se imaginar como nação: os Estados Unidos da América.

Discorrer sobre os Estados Unidos da América requer um comentário prévio que possa iluminar o conceito de cultura nacional. Hall (1999, p. 47) assegura que: “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. O autor complementa esta ideia em *Cultural Identity and Diaspora*, definindo cultura nacional como “todo um conjunto de esforços feitos por um

povo na esfera do pensamento para descrever, justificar e enaltecer a ação pela qual tal povo criou a si mesmo e se mantém existente” (HALL, 1990, p. 237). Como se observa historicamente, as nações europeias recorrem ao passado e à tradição, ainda que inventadas, para construir sua narrativa, na busca de firmar uma cultura e uma identidade nacionais. Um exemplo dado por Benedict Anderson (1991) é a Suíça, que no final do século XIX, pressionada pela concepção de um mundo que se organiza em nações, estabelece o ano de 1281 como sua data de fundação.

Diferentemente do velho mundo, os Estados Unidos se configuram de forma peculiar no contexto da formação de sua cultura nacional: como se basear em um passado que não existe? Como estabelecer uma cultura nacional coerente com uma república recém-nascida formada por uma população multiétnica? E “o que americanos tinham em comum senão o fato de terem vindo de diferentes ancestrais?” (MANN, 1987, p. 68).

A tentativa de resposta a estes questionamentos passa pelo fato de que os EUA são o país que mais recebeu imigrantes na história moderna, vindos de países distintos e por diferentes razões. E também foram a primeira nação a criar leis para controle e naturalização de imigrantes (MANN, 1987). A abertura ao estrangeiro tem interesses claramente delineados: ao fim da Guerra da Independência, o país era pouco populoso e com um imenso potencial para expansão territorial. Os imigrantes, portanto, ajudariam no processo de crescimento e desenvolvimento. Assim, ao contrário dos países europeus, que concebem discursos de nação baseados no passado e na tradição, os EUA se voltam para o presente e para o futuro, incluindo os imigrantes na construção da ideia de nação.

Por conseguinte, a presença do imigrante no mito de fundação de uma nação legitima o pluralismo cultural, que envolve diversidade de costumes, de valores e de religiões. Nos EUA, o desejo de um novo começo, próspero e feliz, passa a moldar o ideal americano de nação. O pluralismo e seus valores ajudam a criar uma narrativa que versa sobre uma suposta comunhão entre cidadãos e novos imigrantes, algo que não ocorre na Europa, onde há um discurso de nação caracterizado por uma hipotética pureza de seus indivíduos.

Apesar de diferente dos casos europeus, a narrativa de fundação dos EUA corrobora, igualmente, a ideia de Hall (1999) de que “a nação é algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 1999, p. 49). Destarte, “ser americano” é parte de uma representação na qual cidadãos participam dos conceitos fundacionais da nação americana, como a pluralidade. Cabe observar que Hall se utiliza de exemplos europeus, mas, em que

pese a diferença entre EUA e Europa mencionada, a abordagem de Hall é útil para o estudo das peculiaridades nacionais estadunidenses representadas em *Ham on Rye*.

Hall afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1999, p. 48). O ponto crucial em Hall, para este artigo, é o que se refere à construção da identidade: “As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 1999, p. 51). O indivíduo consegue agir autonomamente somente porque se sente pertencente a um grupo. Entretanto, o protagonista de Bukowski nos estimula a perguntar o contrário: o que se sucede com o imigrante diante de um modelo nacional que promete pertencimento, aceitação e integração, mas que na realidade hostiliza, discrimina e exclui? Esta pergunta, a ser respondida mais adiante, requer que levemos em conta algumas contradições que surgem junto com a fundação da nação estadunidense.

Mesmo que “a América tenha sempre sido uma terra de imigrantes” (TINDALL, 1984, p. 455) e que estrangeiros de todas as origens ajudem a desenvolver o país, nota-se que os descendentes de anglo-saxões e nórdicos, de maioria protestante, se auto intitulam “nativos” e passam a se incomodar com a presença de imigrantes católicos, principalmente irlandeses e alemães (TINDALL, 1984). A competição nos negócios também os preocupa, por mais que imigração seja peça fundamental para o crescimento econômico do país. Assim, cerca de 60 anos após a independência, começam a surgir os primeiros movimentos anti-imigração. Nasce o nativismo estadunidense: um movimento xenofóbico que aumenta com a Guerra de Secessão, de 1861 a 1865, e posteriormente, com as Guerras Mundiais do século XX, servindo-se, em algumas ocasiões, de teorias eugenistas da época (BONDI, 1996) para justificar seus princípios. O período entre guerras do século XX, por sinal, é o tempo ficcional de *Ham on Rye*, o que aumenta os problemas do protagonista Henry Chinaski Junior, visto que é um tempo de forte sentimento anti-germânico no país.

Henry parece representar literariamente a história de milhares de imigrantes alemães que adentraram o território estadunidense, ainda que sua narrativa esteja circunscrita a um tempo histórico determinado. A imigração germânica para os EUA começa em meados do século XVII, bem antes da criação da Alemanha e da independência dos Estados Unidos. De acordo com a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América, mais de 58 milhões de estadunidenses são de descendência alemã, segundo o censo de 1990, constituindo a maioria da população do país. As imigrações alemãs foram motivadas por

diferentes razões: ausência de liberdade religiosa, perda de liberdade política, fuga de guerras na terra natal e oportunidades de trabalho na terra anfitriã.

Por migrarem em grande quantidade e por causa dos diferentes costumes, os alemães são um dos principais alvos dos nativistas. A maioria que imigra é católica, passando a integrar um país de predominância protestante. O idioma diferente também incomoda, uma vez que a nação deseja que uma língua única - no caso dos EUA o inglês - seja o amálgama que una os seus membros. Ademais, grande parte dos imigrantes alemães são profissionais estudados e experientes (TINDALL, 1984) e vêm para trabalhar em atividades comerciais, passando a ser encarados como ameaça para comerciantes pré-estabelecidos.

Vemo-nos diante de um jogo de dominantes contra dominados no qual o grupo subjugado não é necessariamente uma minoria numérica, como nos lembra Boudon (1990). Para a Sociologia, grupos em maior número podem ser desprovidos de poder e rejeitados socialmente, o que leva Avtar Brah a problematizar a noção de minoria e de maioria, afirmando que minorias são definidas pelos detentores do poder, por meio de um discurso em termos políticos, baseado em dominação ideológica e manipulação social (BRAH, 1996). Exemplos conhecidos são os negros subjugados na África do Sul (BOUDON, 1990), e o caso representado em *Ham on Rye* dos imigrantes alemães nos EUA.

Apesar de não serem detentores de poder político, e de serem tidos como ameaça contra os 'ideais americanos', os imigrantes alemães e respectivos descendentes conseguem viver e se adaptar à cultura americana com relativa liberdade até a primeira década do século XX. Podem falar sua própria língua dentro de comunidades germânicas, criam escolas próprias, e editam jornais e revistas em língua germânica, chegando ao relevante número de 800 edições em alemão no ano de 1894. Este quadro, porém, se modifica com a Primeira Guerra Mundial. A partir da entrada dos Estados Unidos no conflito, em 1915, uma histeria antigermânica tem início no país, resultando em leis e ações governamentais que alteram nomes de ruas, fecham igrejas, proíbem música de compositores alemães nas rádios, publicações alemãs, e que obrigam o uso da língua inglesa em todas as escolas públicas e privadas (BAUGHMAN, 1996). Tal sentimento anti-germânico causa traumas e também acelera a assimilação dos alemães na cultura americana, tendo influências diretas na construção identitária de indivíduos de origem alemã.

Identidade Nacional em *Ham on Rye*

Em *Ham on Rye*, Charles Bukowski aborda uma série de desdobramentos das questões em torno do tema do nacionalismo estadunidense e da identidade nacional, tais como: língua, origem, pertencimento, patriotismo em tempos de guerra, e discriminação.

A questão linguística que, como vimos, é diretamente ligada à identidade da nação, é abordada sutilmente por Bukowski, mas se sobressai por estar no primeiro capítulo do romance. O protagonista narrador Henry Junior começa por descrever suas primeiras memórias, ainda no início da década de 1920, as quais ele não sabe ao certo onde se passam, se na Alemanha ou nos EUA. Ao falar da família, ele lembra: “Essas pessoas falavam alemão a maior parte do tempo e no começo eu também” (BUKOWSKI, 1982, p. 2). Observa-se que o espaço físico é irrelevante: o que a memória retém é a língua alemã como parte de uma identidade familiar que, no caso dos Chinaski, se compatibiliza com a nação de origem. Posteriormente, quando o narrador não mais coloca em dúvida sua localização, a família Chinaski abandona o uso da língua mãe. Tal adequação do grupo familiar faz referência às novas e agressivas políticas estadunidenses de assimilação contra alemães instalados em solo americano nos anos 30. Uma vez na ‘América’, deveriam falar inglês.

O período entre guerras, por sinal, é uma época de intensa hostilidade contra os descendentes germânicos, conforme discutido. Exemplo disto no romance é a antipatia dos vizinhos de mesma idade do garoto Henry Junior. Ao descobrirem que ele é alemão, começam a maltratá-lo: “‘Ei, Heinie!’ gritavam, ‘Por que não volta pra Alemanha? [...] Ei, Heinie, volte para a Krautland!’” (BUKOWSKI, 1982, p. 59). Nesta passagem, o leitor é levado a refletir sobre um tipo de discriminação representada no romance que não envolve a cor da pele ou a língua falada: Henry é branco como os outros meninos da vizinhança e fala inglês naturalmente. Apesar disso, sua origem alemã se torna um motivo para o comportamento hostil dos vizinhos. Ainda garoto, Henry Junior começa a sentir ao seu redor a existência desta hostilidade que, apesar de local, vai se configurar como nacional, impedindo que ele venha a aceitar os Estados Unidos como sua pátria.

Mais adiante, Henry Junior faz a primeira amizade, com um garoto chamado Frank. O amigo lhe empresta as populares revistas *pulp* sobre a I Grande Guerra que despertam no protagonista novas reflexões sobre sua origem alemã:

Frank gostava de aviões. Ele me emprestou todas as suas revistas pulp sobre a Primeira Guerra. A melhor era *Flying Aces*. As *dogfights* eram demais, os Spads e os Fokkers se misturando. Eu li todas as histórias. Eu

não gostava do jeito que os alemães sempre perdiam, mas tirando isso era demais (BUKOWSKI, 1982, p. 76).

Percebe-se que Henry, que vem sendo rotulado pelos americanos ao seu redor, transforma o tom hostil pejorativo do rótulo em uma forma possível de pertencimento: ao ler as revistinhas, ele se identifica com os alemães, apesar da representação negativa, assumindo, inconscientemente, o papel do “outro” na sociedade americana. O imaginário estimulado pelas revistinhas, porém, que constroem o alemão como perdedor, pode ter relação com o desestímulo na busca de uma vitória e a apatia diante da vida, que caracterizarão Henry na fase adulta. Por outro lado, esta passagem também revela um garoto até certo ponto normal, que gosta de aviões e que brinca com o amigo. Contudo, a discriminação sofrida por sua origem germânica vai se intensificar, estabelecendo parâmetros para a construção de sua identidade: identificar-se com a origem alemã no contexto entre guerras é problemático, já que a Alemanha é inimiga dos Estados Unidos. Consequentemente, Henry adentrará um caminho sem volta, constituído de um acirrado isolamento social que romperá os supostos laços nacionalistas que poderia vir a desenvolver com a nação estadunidense.

Futuramente, já na juventude, Henry Junior entra para o treinamento de cadetes da reserva para escapar das aulas de educação física. Lá ele se depara com alunos obrigados a participar do regimento porque os pais consideravam patriótico ter filhos em tal grupo. A personagem, então, começa a elaborar melhor as questões nacionais estadunidenses:

Os pais dos garotos ricos tendiam a ser mais patrióticos porque tinham mais a perder se o país fosse derrotado. Os pais pobres eram bem menos patrióticos, e frequentemente professavam seu patriotismo somente porque era esperado ou por causa da forma que foram criados. Subconscientemente eles sabiam que não seria nem melhor nem pior para eles se russos, alemães, chineses ou japoneses governassem o país, principalmente se tivessem pele escura. As coisas poderiam até melhorar (BUKOWSKI, 1982, p. 187).

Neste fragmento de *Ham on Rye*, além do tom irônico que perpassa a narrativa, observa-se também que Henry Junior já mostra sinais de uma percepção sobre a ligação entre classes sociais e nacionalismo. O amor à pátria e a lealdade à nação são ligados aos bens materiais, no caso dos mais ricos, já que a nação parece lhes prover o sucesso financeiro e o bem-estar. Mas o patriotismo dos mais pobres é só um reflexo, um comportamento automatizado e exterior, que, por desconhecimento ou por medo, não é abertamente questionado.

Alguns anos depois, ao finalizar o ensino médio, Henry Junior, assim como os outros jovens, passa a procurar uma colocação no mercado de trabalho, ocasião em que a questão de sua origem germânica é retomada:

Procurei emprego o verão todo e não pude achar. Jimmy Hatcher conseguiu um numa fábrica de aviões. Hitler estava agindo na Europa e criando empregos para os desempregados. Estive com Jimmy naquele dia quando entregamos nossas fichas de inscrição. Nós as preenchemos da mesma forma, a única diferença era onde dizia Local de Nascimento, eu coloquei Alemanha e ele colocou Reading, Pa. (BUKOWSKI, 1982, p. 245).

Ham on Rye exemplifica, mais uma vez, a discriminação sofrida pelo imigrante de origem alemã no período entre guerras. Sentimentos de exclusão e de não pertencimento à “comunidade imaginada” dos EUA começam a se intensificar em Henry. O emprego é algo indispensável na vida do jovem estadunidense, em particular neste período, após a Grande Depressão, e Henry Junior é impedido de trabalhar devido à sua procedência. Como forma de compensação, ele então articula novos laços com sua origem germânica, uma espécie de contra-ataque à não aceitação em terras americanas. Agora um jovem adulto, Henry Junior está na Faculdade de Jornalismo. A Segunda Grande Guerra já havia começado, mas os EUA ainda não haviam tomado partido. Nesta passagem, a personagem descreve o clima predominante na esfera pública e o que se passa em sua cabeça:

Era intelectualmente popular e apropriado ser a favor da guerra contra a Alemanha, para parar a propagação do fascismo. Para mim, eu não tinha desejo algum de ir à guerra para proteger a vida que tinha ou o futuro que poderia ter. Eu não tinha liberdade. Eu não tinha nada. Com Hitler por aqui, talvez eu até conseguisse comer alguém de vez em quando e mais do que um dólar de mesada por semana. Até onde eu pudesse racionalizar, não havia nada para proteger. Também, tendo nascido na Alemanha, havia uma certa lealdade e eu não gostava de ver toda a nação alemã, as pessoas, sendo sempre retratadas como monstros e idiotas (BUKOWSKI, 1982, p. 262).

Henry Junior sugere que o discurso predominante contra o fascismo e a favor da guerra era, de certa forma, uma repetição acrítica entre os americanos, mais oriundo de um sentimento nacionalista artificial do que de fato produto de opiniões conscientes sobre o que estava ocorrendo. O narrador também demonstra não ter nenhuma afinidade com esse discurso nacionalista que se dissemina baseado na construção de um inimigo externo ao país, deixando claro que a causa não é sua: ele não tem liberdade na “terra da liberdade” e nem perspectivas pessoais ou profissionais. Como forma de demonstrar desapego à moda antinazista, Henry Junior começa a proferir discursos supostamente pró-nazistas ao redor do

campus da LA City College, chamando atenção de alguns transeuntes. Ele, porém, esclarece: “Eu evitava quaisquer referências a negros e judeus, que jamais haviam me dado problemas. Meus problemas vieram todos de gentios brancos” (BUKOWSKI, 1982, p. 263). Ao excluir o ódio aos negros e judeus de seus discursos, algo tão central na narrativa nazista, Henry Junior acaba por engendrar um posicionamento pessoal, que não era exatamente uma aliança à ideologia de Hitler, mas uma forma de se afastar das pessoas que considerava medianas, com opiniões pré-moldadas, e que o discriminavam. Como ele mesmo afirma: “Eu não era nazista por temperamento ou escolha; os professores mais ou menos forçaram aquilo em mim por serem tão iguais e pensarem tão igual e com seu preconceito antialemão” (BUKOWSKI, 1982, p. 263). Como Russel Harrison analisa em *Against the American Dream: Essays on Charles Bukowski* (1994), Henry Junior consegue uma resposta positiva por parte de certos alunos, o que lhe dá uma sensação rara de pertencimento.

Os discursos de Henry Junior, somados à sua origem alemã, chamam a atenção do Partido Nazista de Los Angeles. De fato, mesmo com os horrores da guerra na Europa e o apoio aos aliados por parte dos EUA, o movimento nazista possui representação no território estadunidense. Por exemplo, o *German-American Bund*, maior partido nazista dos EUA chega a ter vinte e cinco mil membros em seu auge (BONDI, 1996). Tal fato não escapa à Bukowski. No romance, Henry Junior frequenta uma das reuniões do partido nazista. Porém, já nos primeiros momentos desse encontro, durante o juramento à bandeira americana, ele pensa: “Meu deus, estou no lugar errado!” (BUKOWSKI, 1982, p. 266). A curiosidade da personagem em saber o que se passa no Partido Nazista não aparenta estar ligada de forma profunda à ideologia, sendo mais motivada por uma vontade de entendimento da vida ou de participar de algo (HARRISON, 1994). Assim sendo, ao desprezar os integrantes do movimento, descrevendo-os como “mental e fisicamente aleijados” (BUKOWSKI, 1982, p. 265), Henry Junior está definitivamente isolado, não encontrando pertencimento no país-hospedeiro, tampouco nos defensores do país onde nascera.

O tema guerra, da forma como é tratado ao final de *Ham on Rye*, remete a Anderson (1991, p. 141) que assegura que não há nada mais nacionalista do que morrer pelo próprio país: “nações inspiram amor, e frequentemente um amor de auto sacrifício”, ao mesmo tempo em que podem provocar “medo e repúdio” contra o “outro”. Bukowski aborda, em *Ham on Rye*, a contradição entre a narrativa do nacionalismo americano e o que de fato ocorre com sua personagem. Os Estados Unidos se intitulam terra da liberdade e país de

imigrantes quando a situação é conveniente, como por exemplo, em tempos de guerra, momento no qual governos querem forçar uma coesão militar e ideológica, para conseguir apoio popular à guerra, e para obter recrutas para lutarem no *front*. Ora, uma vez que Henry Junior não é aceito como um membro da nação ‘americana’, sendo, pelo contrário, alvo de repúdio pelos americanos, ele não tem porque desenvolver o sentimento nacionalista que toma conta do povo em momentos intensos como a guerra.

Esta ausência de sentimento nacionalista em Henry Junior por um lado o exclui, mas por outro parece dotá-lo de uma percepção mais ampla. No capítulo final, os EUA finalmente entram na guerra, após o porto de Pearl Harbour ser bombardeado. No momento do anúncio feito pelo rádio, Henry Junior está em um bar com seu único amigo de faculdade, Becker, um soldado da marinha. Ele analisa a reação dos clientes: “Os outros poucos clientes estavam tagarelando loucamente sobre Pearl Harbour. Antes, não falariam uns com os outros. Agora estavam mobilizados. A Tribo estava em perigo” (BUKOWSKI, 1982, p. 314). Ao usar a palavra “tribo” para definir a coletividade nacional, o narrador nos remete mais uma vez a Hall (1999, p. 49): “A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e a região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional”. Entretanto, o que Henry Junior observa, na passagem citada, é que lealdade e identificação, nos termos de Hall, são incitadas pela notícia do grave bombardeio. Ele percebe, nos clientes do bar, uma união artificial, um pertencimento momentâneo, de certo modo induzidos pelo surgimento de um inimigo comum e externo, fato capaz de mobiliza-los. Assim, pode-se depreender que a nação em guerra articula emoções primárias como medo de ameaças exteriores, mecanismos de autodefesa e de sobrevivência, ao sentimento nacionalista, com a finalidade de manipular. Vale ressaltar que, tanto os EUA quanto a União Soviética e a inimiga Alemanha nazista, se utilizam igualmente das propagandas de guerra como forma de impelir a consciência nacionalista (BONDI, 1996) nos indivíduos. Em outras palavras, a manipulação por meio do sentimento nacionalista está presente em diferentes nações, sob regimes políticos diversos.

Os esportes e o nacionalismo estadunidense

A propaganda de guerra para mobilizar indivíduos em favor de uma causa é apenas uma entre várias estratégias ligadas ao nacionalismo utilizadas por nações com a finalidade de vincular seus membros. De fato, sentimentos e símbolos, são alimentados nos indivíduos

para se alcançar a suposta união fraternal almejada por líderes e classes dominantes da nação.

Outra estratégia, de grande apelo simbólico, comum às nações, é a adoção de um esporte nacional. Os esportes servem para situar o sujeito na sociedade, seja praticando ou como espectador. Analisando o caso estadunidense, Richard G. Powers (1988, p. 217) pondera: “Os esportes são um espelho da vida americana [...] Eles podem ser vistos como um esforço da cultura americana em construir uma alternativa imaginativa à realidade consciente”. E completa: “a cultura dos esportes tem um mecanismo para ajudar indivíduos a se identificarem com o grupo, substituindo sua solidão por uma segurança de pertencimento” (POWERS, 1988, p. 217). Portanto, pode-se dizer que o esporte, no contexto da nação como comunidade imaginada, é uma alternativa “imaginativa” utilizada para unir pessoas por meio do pertencimento, uma força que integra indivíduos a grupos. De maneira relevante, Zelinsky (1988) observa que se têm, nos esportistas, substitutos modernos de um exército, traçando um paralelo entre competição esportiva e a noção da guerra entre nações, em que também há espectadores, em uma comunhão quase religiosa, a torcerem por seus “times”.

Nos Estados Unidos os esportes mais cultuados e emblemáticos são evidentemente o beisebol e o futebol americano. Apesar de terem antecedentes britânicos, ambos são considerados esportes nacionais e estão ligados à ideia de ‘americanidade’, sendo praticados por pessoas de todas as idades e com notórios campeonatos profissionais. Enquanto a popularidade do beisebol tem ligação cerebral com o crescimento urbano nos EUA e o seu racionalismo (ZELINSKY, 1988), o futebol americano é o esporte mais tribal (POWERS, 1988) e tem ligação com a “alma nacional, talvez por causa de sua combinação de agressividade, territorialidade, e interação fluída entre comunidade e individualidade” (ZELINSKY, 1988, p. 111). Tendo em vista a popularidade e a relevância de tais esportes nos EUA, Bukowski destaca-os na narrativa, relacionando-os com a construção de identidade de Henry Junior.

Ainda criança, o protagonista vê-se proibido pelo pai de jogar beisebol com as crianças na rua. Mesmo assim, Henry consegue escapar do domínio paterno em algumas ocasiões, mas é sumariamente rejeitado pelos outros jogadores. O mesmo se sucede com o futebol americano em uma das primeiras tentativas de jogar. Nunca tendo praticado na rua, ele, ao jogar na escola, comete erros e acaba sendo expulso após uma falta. Como consequência, é transferido para o time de voleibol. Henry Junior então reflete: “os outros estavam jogando futebol. Eu queria jogar futebol. Tudo que eu precisava era um pouco de

prática. Voleibol era vergonhoso. Garotas jogavam voleibol” (BUKOWSKI, 1982, p. 28). Verifica-se claramente em *Ham on Rye* o prestígio de “esporte nacional” dado ao futebol americano em detrimento de outros esportes como o voleibol, considerado inferior. Motivado por esta lógica, Henry Junior, neste episódio, demonstra interesse em pertencer ao grupo que joga futebol americano, não necessariamente porque é jogado por outros meninos, mas porque se trata de um esporte de maior importância no imaginário estadunidense. Assim, nesta passagem, não nos parece ser o foco de Bukowski representar o sexismo no esporte, ainda que exista, mas retratar a busca de pertencimento de Henry Junior inclusive pela via do esporte. O fato de ser expulso e transferido para o voleibol não lhe permite praticar, afundando-o cada vez mais no abismo da exclusão.

Ser expulso por cometer falta é um fato até justificável, mas, em outra passagem, Henry Junior, que parece não desistir de tentar jogar, está em plena partida de beisebol quando o próprio juiz simplesmente o expulsa, mesmo tendo feito uma jogada dentro das regras: “‘VOCÊ ESTÁ FORA! ’, gritou o árbitro. Daí eu sabia que eu não era aceito. David e eu não éramos aceitos. Os outros me queriam fora porque eu deveria estar ‘fora’” (BUKOWSKI, 1982, p. 27). Neste caso Henry é explicitamente discriminado, e parece procurar uma explicação, terminando por culpar seu amigo David, outro garoto também excluído, que é constantemente agredido na volta para a casa: “Eles sabiam que David e eu éramos amigos. Era por causa de David que eu não era bem quisto” (BUKOWSKI, 1982, p. 27). Henry busca outro culpado, talvez por não suportar a ideia da rejeição e por não ver motivo para ela. Nota-se, também que, muito relevantemente, a exclusão da prática do esporte símbolo da nação nos jogos da escola alude à uma escala maior, referindo-se à exclusão de Henry não apenas de um grupo de garotos, mas de toda a nação. O efeito de estar fora do beisebol, portanto, é mais agudo. Sem mecanismos para lidar com a situação, Henry parece repetir o mesmo comportamento, excluindo o amigo David, a quem culpa pelo fato de ter sido expulso. De fato, os garotos se dividem em fortes e fracos e só aos fortes é dado o direito de prática do futebol americano, como se na nação estadunidense não houvesse lugar para os mais fracos.

Os anos escolares passam e Henry Junior, apesar de viver experiências de exclusão inúmeras vezes, continua sistematicamente tentando se inserir, ainda que algumas vezes faça uso de um discurso de desprezo aos grupos ao seu redor. O narrador, por vezes, revela o conflito interior da personagem: ao fazer referências orgulhosas aos times da escola, ele se inclui por meio do pronome “nós” intensificado na narrativa por uma repetição excessiva, como se o narrador quisesse evidenciar que seu desejo inconsciente de pertencimento é

superior às críticas que faz aos grupos e, sobretudo, sobrepuja a hostilidade, a discriminação e a exclusão sofridas de maneira ostensiva.

Ironicamente, a oportunidade de inserção vai se dar na prática do mesmo esporte em que fora discriminado, quando Henry faz uma de suas poucas amizades. Red era um garoto vizinho que tinha apenas um braço e por isso era também marginalizado. Juntos, Henry e Red proporcionam um ao outro a primeira oportunidade de praticar futebol. Além disso, se unem para enfrentar a gangue de garotos que os assediava. Depois de certo tempo, Henry melhora sua técnica no futebol e passa a ter mais autoconfiança, o que lhe permite, finalmente, interagir um pouco mais com outros garotos. Esta nova condição funciona como um oásis no mar de hostilidades que constituía a rotina de Henry, dando-lhe uma sensação de pertencimento que nunca experimentara. Todavia, o pai considera os garotos inadequados para o convívio do filho, por serem pobres, e proíbe Henry de jogar futebol com eles aos sábados.

Ao ver-se privado da atividade que mais lhe importava na vida, que lhe permitia o mínimo de integração com outros garotos, Henry parece, a partir deste acontecimento, ter a busca por pertencimento e a luta contra a discriminação enfraquecidas. Um indício concreto disto é a acne generalizada que surge em sua pele, um caso grave que parece abatê-lo, afastando-o completamente das pessoas e impedindo a prática de educação física e do futebol americano até o final do ensino médio. O afastamento do futebol faz com que seja tido como covarde pelos seus colegas (BUKOWSKI, 1982) e Henry Junior sente-se cansado, a perseverança dando lugar a um sentimento de indiferença que começa a crescer dentro de si.

Considerações finais

Ao final da narrativa, Henry, na fase adulta, Henry se depara com o futebol americano pela última vez. Agora, entretanto, está apático, sem vontade alguma de se inserir socialmente, a busca por pertencimento destruída pela hostilidade ostensiva, que parece vencê-lo, afinal. Henry então entra em uma partida, somente com o intuito de confrontar o jogador considerado mais agressivo dentre todos:

Mergulhei e o preni pelos tornozelos. Ele caiu com força, o rosto batendo no chão. Estava atordoado, ficou lá, com os braços abertos. Corri e me ajoelhei. Agarrei-o pela parte de trás do pescoço, duro. Apertei seu pescoço e golpeei sua espinha dorsal com meu joelho (BUKOWSKI, 1982, p. 304-5).

A violência com que Henry atinge o jogador, além de chocante, é um ponto elevado em *Ham on Rye* porque se trata da liberação de uma fúria contida por anos. Ao fim da agressão, os outros jogadores parecem admirá-lo, convidando-o a continuar jogando, mas Henry surpreendentemente responde: “‘Foda-se’ [...] ‘Eu odeio esportes’” (BUKOWSKI, 1982, p. 306). Em outros tempos, ser convidado a jogar era o que Henry mais desejava. Agora, porém, ele recusa o convite por meio de um palavrão, declarando que odeia esportes. Sua atitude é uma resposta a uma vida inteira de hostilidade e discriminação, uma espécie de mensagem a dizer que a rejeição sem tréguas resulta em indiferença e desalento diante da vida. Aqui esboçamos uma possível resposta ao questionamento feito anteriormente neste artigo: Henry Chinaski Junior, o protagonista de *Ham on Rye*, é o imigrante que ouve falar de um modelo de nação pluralista, de pertencimento e de aceitação, mas ao receber o oposto disto, entra em um processo gradual de desumanização.

Talvez aí esteja a explicação para o fato de que muitos leitores e crítica estadunidenses não compreendam e até recusem o projeto literário de Bukowski, em especial o romance *Ham on Rye*, aqui analisado. Embalados por ideais nacionais românticos, pelas noções de terra da oportunidade, da pátria que a todos recebe com amor, com seu destino glorioso de “liderar o mundo em direção à liberdade”, esses leitores, ao conhecerem a história de Henry Chinaski Junior, sofrem um baque que os sacode e os retira do chão em que pisam.

Ham on Rye traz, como vimos, críticas diretas e indiretas às ideias de nação e identidade nacional estadunidense que muitos gostariam de ver varridas para debaixo do tapete. Temas delicados como a participação do país na guerra, induzida por discursos repetidos acriticamente e pela mídia, e a face injusta e violenta de esportes tão queridos aos estadunidenses são abordados francamente, de uma maneira que confronta o sentimento nacionalista do americano, que em sua teoria não combina com a hostilidade e a discriminação relatadas no romance. Acreditamos que a coragem de Bukowski, bem como seu olhar crítico, se constroem a partir de um lugar particular ocupado pelo imigrante, em especial o germano-americano dos anos 1930, que o qualifica com uma percepção mais ampla acerca das pessoas e do mundo.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p.
ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. London: Verso, 1991. 224p.

- ARENDDT, Hannah: A Nação. In: *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1994, p.234-239.
- BAUGHMAN, Judith S. *American decades 1920 – 1929*. Detroit: Gale Research Inc., 1996. 554p.
- BONDI, Victor. *American decades 1930 – 1939*. Detroit: Gale Research Inc., 1996. 612 p.
- BRAH, Avtar. Diaspora, border and transnational identities. In: _____. *Cartographies of diaspora: Contesting Identities*. London; New York: Routledge, 1996. p. 178-248.
- BUKOWSKI, Charles. *Ham on rye*. UK: Canongate, 1982. 318p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.
- _____ Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J (Ed.). *Identity: Community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p.222-237.
- HARRISON, Russel. *Against the American dream: essays on Charles Bukowski*. Santa Rosa: Black Sparrow, 1994. 331p.
- MANN, Arthur From immigration to acculturation. In: *Making America*. Washington, D.C.: United States Information Agency, 1987. p. 68-80.
- POWERS, Richard G. Sports and American culture. In: *Making America*. Washington, D.C.: United States Information Agency, 1987. p.207-220.
- TINDALL, George Brown. *America: a narrative history*. NY: Norton & Company, 1984 1343p.
- WOOD, Gordon S. *The American revolution*. New York: Modern Library Chronicles, 2002. 190p.
- ZELINSKY, Wilbur. *Nation into state: the shifting symbolic foundations of American nationalism*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1988. 350p.

CONFRONTING NATIONALISM IN THE UNITED STATES: HOSTILITY AND DISCRIMINATION IN *HAM ON RYE*, BY CHARLES BUKOWSKI

ABSTRACT

The article discusses the effects of nationalism in Henry Chinaski, a German immigrant in *Ham on Rye* (1982), by Charles Bukowski. In the novel, hostile environments hamper Henry's attempts to integrate, as he is subjected to constant discrimination, which contradicts the ideals of pluralism and inclusion, part of the American identity. We investigate conflicts built from the official ideas of nation and nationalism, concluding that permanent hostility and discrimination result in violence, indifference and dehumanization. Ironically, isolation gives the immigrant a broader perception of the world, leading him to rethink the nation and reject romantic nationalism.

Keywords: nationalism, immigration, hostility, discrimination.

Recebido em 21/09/2016.
Aprovado em 13/12/2016.